

# FURTADO, CELSO. BRASIL: A CONSTRUÇÃO INTERROMPIDA. RIO DE JANEIRO, PAZ E TERRA, 1992.\*

Maurício Silva\*\*

O mais recente livro do reconhecido economista Celso Furtado é composto de diversos ensaios, os quais procuram abordar assuntos tão diversos e complexos quanto a economia presente: das teorias de Raúl Prebisch à tão debatida questão do fim da guerra fria, pode-se perceber uma visão sempre coerente e precisa da realidade econômica atual. Mas, sem dúvida alguma, a grande novidade do livro - já pela audácia com que propõe as mais delicadas questões relativas ao cenário econômico nacional, já pela segurança com que aborda um assunto por demais amplo e intrincado - é a visão singular da inserção do Brasil na ordem econômica mundial que o autor nos oferece com inigualável agudeza crítica e transparência teórica.

De início, Celso Furtado busca esclarecer de uma forma ao mesmo tempo resumida e profunda, aquela que julga ser a mais importante tendência econômica mundial, a saber: a remodelação estrutural da economia, que caminha na direção de uma multipolaridade, resultante do debilitamento dos centros de

poder nacionais e da emergência das estruturas de poder transnacionais. Inicialmente, ensina-nos o autor, esta transição assumiu a forma de grandes transferências de recursos para os centros de poder, no caso os Estados Unidos (na década de 80, segundo o *World Institute for Development Economic Research*, da ONU, 80% do fluxo líquido de capitais do mundo foram para os Estado Unidos). A tendência agora seria a planetarização das decisões, a sua transnacionalização: "são muitos os indícios para a desarticulação dos sistemas econômicos nacionais, que são substituídos por espaços contidos em parâmetros políticos e culturais" (p. 25). Portanto, como ressalta o autor, "o quadro que se configurou como tendencial é o do apagamento das articulações que constituem os atuais sistemas econômicos nacionais e de emergência de mecanismos de articulação de decisões descentralizados e transnacionais" (p.26).

Neste quadro que se configura, marcado principalmente pela globalização da economia, em detrimento óbvio da sua nacionalização,

\* Recebido para publicação em 01 de novembro de 1993.

\*\* Formado em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo, onde cursa pós-graduação. Atualmente é professor das *Faculdades Metropolitanas Unidas* (São Paulo), tendo sido pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da *Universidade de São Paulo* (1990-1992). Possui diversos trabalhos publicados em periódicos nacionais e internacionais.

há, contudo, uma problemática a ser enfrentada, e aí precisamente começam a entrar no cenário econômico os países do Terceiro Mundo em geral e o Brasil em particular: é que o outro lado do atual desenvolvimento se caracteriza, entre outras coisas, pela lenta absorção da mão-de-obra, o que aumenta o índice de desemprego, agravando ainda mais a recessão. Além disso, a noção de produtividade social (que, a partir de critérios políticos, busca o bem-estar comum) perde sua aplicabilidade numa estrutura econômica como esta, onde a produção econômica volta-se prioritariamente para o mercado externo.

Mas este não é, ainda, nem o único e nem talvez o principal problema decorrente deste modelo de desenvolvimento econômico. A transnacionalização da economia, tal e qual ela se nos apresenta contemporaneamente, acaba desfazendo os vínculos regionais outrora promovidos pelo processo econômico de natureza nacional, isto é, voltada para a formação de um mercado interno. Este processo - que, a partir da década de 30, foi levado a termo pela então incipiente industrialização nacional - deixa de existir, quando a meta é a transnacionalização econômica. O resultado de tudo isto para o País é uma conclusão de natureza compreensivelmente pessimista: "em um país ainda em formação, como é o Brasil, a predominância da lógica das empresas transnacionais na ordenação das atividades econômicas conduzirá quase necessariamente a tensões inter-regionais, à exacerbação de rivalidades corporativas e à formação de bolsões de miséria, tudo apontando para a inviabilidade do país como projeto nacional" (p. 35).

Com base nesta flagrante realidade, o autor procura esboçar o desafio que - logo no início

de seu livro - se nos impõe irrefutavelmente: o de reformular as estruturas sociais do país e o de resistir às forças de desarticulação do sistema econômico, que acaba por ameaçar a unidade nacional" (p. 13).

É, antes de mais nada, a integridade do Brasil como nação autônoma e desenvolvida que está em jogo, já que, diante de nova realidade que se forma, o País tem sido compulsoriamente colocado à margem do processo de globalização econômica. Assim, justifica-se o título do livro com uma visão que se aguça e se aprofunda na sua quase cruel simplicidade: em função da recente internacionalização da economia, todo o processo de construção nacional, que se vinha efetuando desde a década de 30, se interrompe drasticamente - de um lado, tal interrupção compromete de uma forma clara a manutenção da unidade nacional e a continuidade do nosso desenvolvimento; de outro lado, a impossibilidade de o Brasil, junto com os demais países do Terceiro Mundo, inserir-se satisfatoriamente no processo estrutural de transnacionalização da economia acaba redundando em crise generalizada, que vai do aumento do índice de desemprego à mais profunda recessão.

Compromete-se, mais do que tudo, o próprio futuro do País e, conseqüentemente, de seus cidadãos. Portanto, como nos diz o próprio autor, "trata-se de saber se temos um futuro como nação que conta na construção do devenir humano, ou se prevalecerão as forças que se empenham em interromper o nosso processo histórico de formação de um Estado-nação" (p. 35).

Eis aí uma questão sobre a qual o mais recente livro de Celso Furtado nos faz refletir durante toda a sua leitura.